

HIP HOP EM CRECHES COMUNITÁRIAS: CONSTRUINDO VALORES BRINCANDO

Data de submissão: 08/02/2023

Data de aceite: 03/04/2023

Scheyla Queiroz de Oliveira

Centro Universitário Dom Pedro II,
Salvador/Ba
<http://lattes.cnpq.br/9559803338079700>

Maurício Freitas Goes

Universidade Federal da Bahia, Salvador/
Ba
<https://lattes.cnpq.br/6591311882299000>

RESUMO: O presente artigo traz a possibilidade de introduzir alunos de creches comunitárias à vida social e cidadã através do movimento artístico, social e cultural *HIP HOP*.

Com uma linguagem peculiar a comunidades periféricas, o movimento citado representa a voz desses indivíduos e traz para o asfalto suas necessidades em forma de protesto e arte. Diante disso percebemos a oportunidade de usá-lo como ferramenta na pedagogia social, levando saberes, arte e entretenimento para alunos de creches comunitárias e levando a comunidade para dentro da escola.

PALAVRAS-CHAVE: *HIP HOP*, educação, ludicidade, criança.

HIP HOP IN COMMUNITY CHILDCARES: BUILDING VALUES WHILE PLAYING

ABSTRACT: The present article brings the possibility of introducing students from community childcares to social and civic life through the *HIP HOP* artistic, social and cultural movement. With a peculiar language from peripheral communities, the mentioned movement represents the voice of these individuals and brings to the pavement their needs in the form of protest and art. Given this, we see the opportunity to use it as a tool in social pedagogy, bringing knowledge, art and entertainment to students from community childcares and bringing the community into the school.

KEYWORDS: *HIP HOP*, education, playfulness, child.

1 | INTRODUÇÃO

O Movimento social, cultural e artístico *Hip Hop* ganha cada vez mais espaço no cotidiano dos jovens das periferias brasileiras. Com sua linguagem popular, expressa na íntegra a realidade desses indivíduos, com suas vertentes

irreverentes como, *Break, Grafite, Rap e DJ*. Este Movimento vem ganhando cada vez mais adeptos em todo mundo, direto das periferias, guetos de Nova York, nos meados dos anos 70.

Atualmente o *Hip Hop* tem sido desenvolvido em diversos projetos sociais e educativos por todo país, destacando seus variados segmentos: identidade racial, arte (música, dança de rua, grafite), luta social, lazer, educação, preparação física e filosofia de vida.

Segundo Magro (2002, p. 63):

Diversos estudos têm demonstrado os valores positivos da cultura Hip Hop no Brasil e em outras partes do mundo. O movimento Hip Hop, originado da necessidade de sociabilidade de crianças e jovens das periferias de grandes centros urbanos, oferece ao espaço urbano (bairros, ruas, esquinas, escolas etc.) elementos de identificação e formação para crianças e adolescentes, que se traduzem na resistência à ideologia dominante, discriminadora e mercadológica, que constitui a indústria cultural e seus símbolos.

Trabalhar o *Hip Hop* na educação infantil pode favorecer, assim, o desenvolvimento de habilidades diversas do público alvo deste segmento.

O movimento *Hip Hop* está progressivamente tomando força em muitas cidades de todas as regiões do Brasil, desenvolvendo-se principalmente nas comunidades mais carentes, transformando a vida de muitas crianças e jovens por meio do lazer e arte em forma de luta e resistência às dificuldades do dia-a-dia.

E por esta razão trazemos esse tema com o intuito de analisar a importância dos elementos do *Hip Hop* para a iniciação a cidadania e as práticas de ludicidade e artísticas em creches comunitárias, aproximar a realidade das crianças e sua comunidade com a arte, através do movimento social e artístico citado, tendo em vista a grande necessidade de inserir o público infantil de creches comunitárias a vida social.

Além disso, a participação de crianças em um evento artístico pode servir como meio de aprendizagem prazerosa, para o desenvolvimento da consciência cidadã e para a promoção da arte popular.

É sabido que a prática das artes é imprescindível para o desenvolvimento da criança, pois, por meio dela se estabelecem limites sociais e há a transferência de saberes. Isso promove a possibilidade de construção da personalidade e da socialização, por que permite que o indivíduo se conheça melhor e aceite mais facilmente seu próximo.

Este material foi produzido tendo como base além das pesquisas bibliográficas, o projeto de intervenção que foi realizado por uma equipe de formandos do curso de licenciatura em pedagogia do Centro Universitário Dom Pedro II, da cidade de Salvador, realizado na Educandário Creche Comunitária Vovó Clara, localizado na Rua João Abdala, 255 - Mata Escura - Salvador - Bahia.

21 HIP HOP: DOS GUETOS DE NY AO BRASIL

A cultura *Hip Hop* nasce a partir de ações para conter as inúmeras guerras e disputas entre gangues que assolavam a periferia de Nova York, através de jovens que organizavam bailes, festas de rua e em escolas na periferia, surgiram disputas dentro dos bailes, por meio da dança, no intuito de conter as brigas que aconteciam nas ruas.

Assim, incentivaram a dançar o *Break*, no lugar de brigar, e a desenvolver o *Grafite* como forma de arte, e não somente para demarcar territórios, com isso, as gangues transformavam-se em grupos de dança e grafiteagem, e as disputas entre elas foram se transformando em função disso.

Segundo Azevedo (2000, p.91):

A arte do Movimento, através do *rap*, do *break*, do *grafite*, do trabalho dos *DJ's* e *MC's*, lhes garante visibilidade, constituindo-se em um novo locus público, propiciando um discurso próprio sobre a periferia, onde reivindicam melhores condições de vida e organizam-se “como uma forma alternativa de se fazer política, distante dos espaços historicamente encarregados instituídos dessa prática como o Estado, a Igreja, a Universidade e o Partido Político”.

Estes ideais do Movimento *Hip Hop* ainda que por vezes mais falado do que totalmente realizados marcam sua característica de contestação social e política. A expressão musical do *Hip Hop*, o *Rap*, é a sua forma mais notável de estabelecer suas críticas, seu tom político é marcante. Ele torna-se um instrumento para ajudar os jovens na luta por seus direitos e em seu propósito de intervir na esfera pública. Por isso o *Rap* destaca-se dentro do Movimento.

Os *DJ's* (*Disc Jockey/operadores dos discos*) e *MC's* (*Masters of Ceremony/ cantores de funk*) são os responsáveis por tornarem o *Rap* possível, eles são os cantores e compositores, e normalmente improvisam músicas ao vivo levando o público ao êxtase. Ao contarem suas histórias, os *MC's* podem até parecer agressivos, talvez pela indignação presente, contudo as letras de *Rap* não podem ser tomadas como manifestações de violência, pois elas também representam a realidade numa forma de denúncia e crítica.

Não seria diferente, nem menos importante com o *Grafite*, antes com as pichações em muros, viadutos, espaços privados e públicos, com a intenção de demarcar territórios e fazer protestos, hoje com a arte do *Grafite* embelezando as cidades, porém com o mesmo intuito de protestar por meio e em função da arte e cidadania.

Diante disso, percebemos a grande importância da inserção deste Movimento em Creches Comunitárias, com o intuito de construir um trabalho de introdução dessas crianças a vida cidadã, falando uma linguagem bastante comum a realidade da sua comunidade.

A partir desta premissa, é relevante nós expormos a necessidade do trabalho pedagógico com a análise de diferentes linguagens e produtos culturais no espaço escolar. Como também “favorecer experiências de produção cultural e de ampliação do horizonte cultural dos alunos e alunas, aproveitando os recursos disponíveis na comunidade escolar

e na sociedade” (CANDAU, 2013: 35).

Levar consciência através da arte para a periferia, num processo de transformação, fazendo revolução por meio da palavra, fazendo a comunidade compreender que a melhor forma de combater a violência é a cultura, principalmente a sua própria cultura em forma de arte, isso é o *Hip Hop*.

3 | LUDICIDADE

Atualmente observa-se que a ludicidade está sempre presente no cotidiano escolar e isso vem contribuindo com as concepções psicológicas e pedagógicas do desenvolvimento infantil.

Dessa forma, as atividades lúdicas ajudam a vivenciar fatos e favorecer aspectos da cognição. Brincadeiras e jogos podem e devem ser utilizados como uma ferramenta importante para o auxílio do ensino aprendizagem bem como para que se estruturam os conceitos de interação e cooperação.

A palavra “lúdico” quer dizer jogo, e evoluiu levando em consideração as pesquisas em psicomotricidade, de modo que deixou de ser considerado apenas o sentido de jogo. Na extensão lúdica, a aprendizagem se dá através do exercício de jogos, brinquedos e brincadeiras, tendendo promover o desenvolvimento absoluto do estudante.

As atividades lúdicas não se restringem ao jogo e à brincadeira, mas incluem atividades que possibilitam momentos de prazer, entrega e integração dos envolvidos. De acordo com Luckesi (2012, *on-line*), “às atividades lúdicas são aquelas que propiciam uma experiência de plenitude, em que nos envolvemos por inteiro, estando flexíveis e saudáveis”, assim elas não são encontradas nos prazeres estereotipados, no que é dado pronto, pois, estes não possuem a marca da singularidade do sujeito que as vivencia.

Na atividade lúdica, o que importa não é apenas o produto da atividade, o que dela resulta, mas a própria ação, o momento vivido. Possibilita a quem a vivencia, momentos de encontro consigo e com o outro, momentos de fantasia e de realidade, de ressignificação e percepção, momentos de autoconhecimento e conhecimento do outro, de cuidar de si e olhar para o outro, momentos de vida, de expressividade.

Uma aula com características lúdicas não precisa ter jogos ou brinquedos. O que traz ludicidade para a sala de aula é muito mais uma “atitude” lúdica do educador e dos educandos. Assumir essa postura implica sensibilidade, envolvimento, uma mudança interna, e não apenas externa, implica não somente uma mudança cognitiva, mas, principalmente, uma mudança afetiva.

A ludicidade exige uma predisposição interna, o que não se adquire apenas com a aquisição de conceitos, de conhecimentos, embora estes sejam muito importantes.

4 | EDUCAÇÃO INFANTIL

A escola de Educação Infantil, que é um espaço de cuidado e educação, deve ser organizada e planejada para atender crianças de 0 a 5 anos, tendo o papel de desenvolver todas as formas de linguagens, fazendo a mediação entre a criança e a cultura, possibilitando seu acesso a novas fontes de conhecimentos.

A escola precisa conhecer a realidade dos alunos, com seus saberes, valores e práticas nos quais estão se constituindo, assim como conhecer as especificidades e necessidades dessa faixa etária, levando em conta seus conhecimentos na organização de suas propostas pedagógicas.

Os espaços que se constituem dentro do contexto da educação infantil devem ser preparados para criança e com ela, respeitando o direito que elas têm de buscar construir a sua autonomia, sua identidade bem como, o seu próprio conhecimento e ao educador infantil cabe o papel de alguém que reconhece a sua verdadeira e importante função dentro dos espaços, participando como alguém que por ser mais experiente tem muito a planejar, intervir, mediar e proporcionar aos seus educandos.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, art. 29, a importância da Educação Infantil está assim explicitada:

A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até cinco anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996, *on-line*).

Para se organizar o tempo escolar a coordenação pedagógica e professores devem observar as normatizações que regem o sistema de ensino, iniciando pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96, que estabelece no artigo 31:

Art 31. Na Educação Infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental (BRASIL, 1996, *on-line*).

A educação infantil, como dever do Estado, é ofertada em instituições próprias - creches para crianças até três anos e pré-escolas para crianças de quatro e cinco anos - em jornada diurna de tempo parcial ou integral, por meio de práticas pedagógicas cotidianas. Essas práticas devem ser intencionalmente planejadas, sistematizadas e avaliadas em um projeto político-pedagógico que deve ser elaborado coletiva e democraticamente com a participação da comunidade escolar e desenvolvido por professores habilitados.

A educação infantil, cuja matrícula na pré-escola é obrigatória para crianças de quatro e cinco anos, deve ocorrer em espaços institucionais, coletivos, não domésticos, públicos ou privados, caracterizados como estabelecimentos educacionais e submetidos a múltiplos mecanismos de acompanhamento e controle social.

A educação infantil é um direito humano e social de todas as crianças até seis anos

de idade, sem distinção decorrente de origem geográfica, caracteres do fenótipo (cor da pele, traços de rosto e cabelo), da etnia, nacionalidade, sexo, de deficiência física ou mental, nível socioeconômico ou classe social. Também não está atrelada à situação trabalhista dos pais nem ao nível de instrução, religião, opinião política ou orientação sexual.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante disso, pudemos perceber a grande importância em trazer cultura, arte, educação, prazer e entretenimento para um segmento tão delicado da educação, unindo a verdade da comunidade onde esses indivíduos estão inseridos com a necessidade de desenvolvê-los para atuarem em uma sociedade que precisa tanto de seres pensantes, articulados e sensíveis. Usando como ferramenta suas próprias experiências de vida, para que assim se tornem multiplicadores de saberes primordiais para uma vivência cidadã e social.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A.M.G. (2000). **No ritmo do rap: música, cotidiano e sociabilidade negra**. São Paulo (1980-1997). Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.

CANDAU, Vera Maria. **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas**. 10. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 13-37.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, art. 29, 1996.

Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) 9394/96.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Educação, ludicidade e prevenção das neuroses futuras: uma proposta pedagógica a partir da Biossíntese**. In: LUCKESI, Cipriano Carlos (org.) Ludopedagogia – Ensaio 1: Educação e Ludicidade. Salvador: Gepel, 2012.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. 2002. **Adolescentes como autores de si próprios: Cotidiano, educação e o Hip Hop**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 22, número 57, p. 63-75. Disponível em Último acesso em: 15/10/2022.